



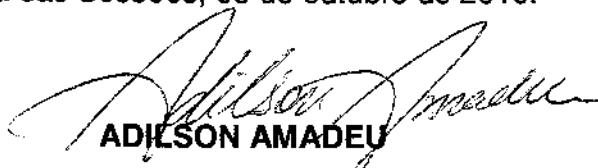
Câmara Municipal de São Paulo

Vereador Adilson Amadeu – 46ºGV

13 - RDS
13- 01120/2010

Requeiro nos termos regimentais, seja incluída justificativa ao meu projeto de lei que Denomina Praça Valentim Barbulho, o espaço livre municipal inominado existente entre as Ruas Comendador Roberto Ugolini, Agostinho Latari e Quariteré no Distrito da Mooca, que por um lapso não fora anexado. (PL 445/2010)

Sala das Sessões, 08 de outubro de 2010.


ADILSON AMADEU
VEREADOR



Câmara Municipal de São Paulo

Vereador Adilson Amadeu – 46ºGV

Justificativa

Cidadão de destaque na sua comunidade, pessoa em vida honrada de vasta biografia que justifica a presente (anexa).

Assim, conto com o apoio dos nobres pares para ver a presente propositura aprovada.

A VIDA DE VALENTIM BARBULHO

PL 445/110

Valentim Barbulho, casado com Constança Francisca Domingues Palhares Barbulho, italiano naturalizado brasileiro, nascido em Veneza – Itália em 16 de julho de 1884 falecendo em 29 de Março de 1973 na sua querida Mooça, em São Paulo – SP.

Sua história tem início em 1892, na Itália, quando seus pais Antonio Barbui e Ângela Bocalon resolveram vir tentar a vida nas novas terras da América, uma vez que onde moravam, em Udne, como em toda a Itália que lutava internamente para se reunificar e ao mesmo tempo enfrentando guerras com os países vizinhos, o desemprego e a fome grassavam por todo o país.

Muitas vezes para não deixar a família passar fome montava armadilhas para caçar passarinhos ou pombas para comê-los junto com o angu de milho, a conhecida polenta, da qual era especialista em preparar. Assim o jovem Antônio, a esposa Ângela Bocalon e seus quatro filhos: Valentim, Joana, Giuseppe e Maria, em 1892 aproveitando as oportunidades oferecidas pelo governo italiano que julgava ser uma forma de reduzir a população que crescia, vieram para o Brasil que também oferecia vantagens aos imigrantes.

Dessa forma a família chega ao país contratada por empresário cafeeiro de Santa Rita do Passa Quatro e para lá se deslocam. O jovem Valentim tinha apenas oito anos de idade.

Lá desde cedo ajuda os pais na lavoura de café, torna-se jovem, namora e casa, com aquela que foi sua esposa por toda sua vida e lhe daria onze filhos, em 22 de dezembro de 1906.

Já com o primeiro filho nascido, vem para São Paulo visitar sua irmã que casara e para lá se mudara. Não é preciso dizer que se encantou tanto pela grande cidade de cerca de trezentos mil habitantes que chegando à fazenda reuniu a família e os convenceu a vir para São Paulo.

Seu primeiro emprego, na cidade foi na Cia. Duchon de Alimentos onde começou como auxiliar e depois de dois anos era contra mestre e ficava no lugar do mestre quando este viajava para a França.

Como estava acostumado à vida do campo, ao ar livre e aqui vivia fechado ao lado dos fornos, adoeceu e o médico o aconselhou a deixar o serviço por que poderia ficar com tuberculose e nessa época não havia cura.

Como morava na Mooca, perto do serviço lá montou um pequeno armazém para seus pais e esposa tocarem. Quando saiu do emprego ampliou o armazém de secos e molhados (assim chamados na época) e o desenvolveu.

Começou em 1909 e já em 1912 alugou uma ampla casa que na frente tinha um amplo armazém e lá começou a trabalhar tornando-o o maior e mais completo armazém não só da Mooca, mas de grande parte da cidade.

Em 1910 nasce outro filho, Alberto, que morreria com um tiro na cabeça dado por um infeliz durante uma partida de futebol onde hoje fica a igreja e parque infantil São Rafael, em 1915 com cinco aninhos de idade. Sua esposa grávida sofre devido ao seu filho e dá a luz um garoto doente que logo vem a falecer. Era o drama que se abatia sobre a família. O pai desesperado por perder os dois filhos e ainda ver o assassino solto pelas ruas da Mooca. Prepara-se para matá-lo, mas a Providência intercedeu e o assassino foi preso roubando um armazém, livrando Valentim de cometer um assassinato.

A recuperação foi longa, mas aconteceu. Nasceram os filhos a família e o trabalho crescem e o armazém prospera. Valentim ajudou muitos novos moradores que vinham morar no conjunto de casas que fica atrás do terreno onde seria construída, mais tarde, a igreja, sendo o fiador das mesmas e como vendia à fiado, através de cadernetas segurava o pagamento daqueles que por qualquer razão não podiam pagar naquele mês ajudando-os a atravessar uma situação difícil.

Valentim, por ocasião da Revolução de 1924, teve um dedo amputado, e com uma filha recém nascida teve que abandonar o armazém e fugir à noite até a Estação da Luz, a pé, para tomar o trem para Bebedouro, onde residia seu cunhado.

A Mooca foi bombardeada, as casas e depósitos saqueados, mas antes de sair Valentim escondeu as mercadorias que eram poucas devido à revolução e os soldados quando chegaram encontraram o pai de Valentim e o filho mais velho, com 16 anos e apenas levaram cigarros.

Com os filhos mais velhos ajudando no armazém e os com idade escolar freqüentando o Grupo Escolar Oswaldo Cruz, na rua da Mooca todos, desde o mais velho freqüentaram o Oswaldo Cruz, Valentim tocava seu negócio usando toda sua criatividade. Os fregueses não precisavam mais ir até o armazém, era só telefonar ou aguardar os empregados do armazém ou os próprios filhos do Valentim ir "tirar o pedido". Passavam de casa em casa verificando o que cada freguês desejava, anotando no talão, e depois de separar os mantimentos no armazém, iam entregar os pedidos. Muitos fregueses que se mudavam da Mooca para bairros mais afastados, como a Penha, por exemplo, continuavam

comprando, fazendo seu pedido mensal que era entregue no início pela carroça dirigida pelo Antônio.

Os filhos continuam nascendo e o armazém crescendo. Além das importações que vinham da Itália, chegavam do interior paulista, aves, ovos e frutas quase que semanalmente. Era muito trabalho, mas o espírito empreendedor e a coragem do Valentim que tinha todo o apoio da incansável Constança e dos pais e dos filhos mais crescidos na retaguarda lhe dando a cobertura e a força necessária tornava o esforço compensador. Em 1934 nasce o último filho do casal, Valentim com cinquenta anos e Constança com quarenta e sete anos.

Em 1935 chega à Mooca vindo do Rio de Janeiro o Padre Savino M. Agazzi para fundar a Igreja de São Raphael num terreno quase em frente ao Armazém da Mooca de Valentim. Ele procura Valentim de quem se torna amigo e é acompanhado pelo mesmo que consegue na Tecelagem Santa Terezinha um galpão onde teve início a igreja que nesse início de montagem do altar e das instalações elétricas teve a ajuda dos filhos de Valentim.

No dia 14 de julho de 1935 a igreja foi oficialmente inaugurada com o primeiro ato religioso acontecido na mesma, o batismo do filho mais novo de Valentim. Na Certidão de Batismo está escrito: Primeiro ato religioso desta igreja hoje oficialmente inaugurada: 14/07/1935 assinado Padre Savino M. Agazzi.

O Cine Moderno, na Rua da Mooca, era a alegria nas tardes de domingo das crianças e à noite dos casais que se deliciavam com os belos filmes da época. Mudos no começo e depois falados e legendados. Valentim fazia propaganda no grande painel do cinema e dava ingressos para quem comprasse certo valor em mercadorias.

Com a entrada do país na guerra ocorreram algumas manifestações internas contra os alemães que tiveram muitos bens confiscados e também contra os italianos e os japoneses. Numa sexta feira à tarde, um dos fregueses do armazém e amigo da família chega assustado e diz ter ouvido uma turma que freqüentava o bar do largo com a esquina da rua Canuto Saraiva, discutindo de como e quando iriam quebrar a "venda" do Barbulho, que era italiano e tinha que também sofrer. Eles acertaram que no sábado depois do almoço se encontrariam no bar e viriam quebrar tudo. Felizmente, o pessoal reunido no bar ficou sabendo que o Valentim era naturalizado brasileiro e que tinha filhos brasileiros e, portanto era brasileiro e desistiram de qualquer ação.

Outro fato curioso que aconteceu durante a Segunda Grande Guerra é que os alimentos eram escassos. Alguns para serem adquiridos tinham necessidade de ter o chamado "cartão de racionamento". Faltavam principalmente açúcar e farinha de trigo. Quando o caminhão da Cia União de Refinadores chegava para descarregar, Valentim pedia para o caminhão entrar até o fundo do quintal para descarregar o açúcar. Na porta do armazém, como por encanto, formava-se longas filas, todos querendo açúcar. Para poder atender a todos eram vendidos apenas dois quilos para cada um. Os fregueses de caderneta recebiam um pacote de cinco quilos. O mesmo acontecia com a farinha de trigo entregue pelo Minete Gamba. Numa manhã, após o empório ser aberto, ter chegado o leite e o pão e a clientela já passando para adquiri-los, são surpreendidos por um dos fregueses que entra espavorido com um jornal na mão e informa que em todas as esquinas principais do bairro jornaleiros estão gritando que o empório está escondendo farinha de trigo na torre da igreja. Que aproveitando da amizade do padre Savino com Valentim, durante a noite vão

estocar a farinha de trigo nas torres da igreja para depois venderem mais cara no câmbio negro. Essa notícia é perigosa, poderá ocasionar um tumulto aqui no empório ou na própria igreja. Foi uma luta do Valentim e do padre Savino Agazzi para desmentir tamanha mentira.

O Empório e Merceria São Rafael como sempre participava da vida industrial (fornecendo alimentos às empresas e a seus funcionários), da vida comercial (através da venda de produtos em suas dependências) e até da vida artística (através da força que dava aos componentes do coro da Igreja de São Rafael que utilizavam suas dependências sempre que necessário, de seus filhos tendo sempre algum participando dos eventos religiosos e de, quando oportuno de programas radiofônicos da cidade. Era uma batalha intensa para manter vivo seu comércio e sempre em evidência.

A situação do Empório e Merceria São Rafael está estabilizada, o movimento continuava muito bom, o prédio comprado alguns anos antes está pago, a vida corre tranqüila na família que cresce através da nova geração, dos netos. Estava na hora de dar um pulo maior na vida e com plano de construção no terreno que possuía na Rua Ararigbóia, esquina com a Rua Pedro de Lucena, Valentim consegue, com a Diretoria da Caixa Econômica, empréstimo para construção de um edifício que teria, no andar de baixo a merceria e quartos para os empregados, no andar de cima um amplo apartamento para a família e no outro pavimento mais dois apartamentos para aluguel. Nos planos estava a construção de um posto de gasolina onde se localizava o atual empório.

Após aprovação dos projetos, em 3 de maio de 1952 é lançada, em solenidade presidida pelo padre Savino Agazzi e com a presença de amigos e fregueses a

pedra fundamental do moderno edifício que iria abrigar o novo e moderno Empório e Merceria São Raphael e a família Barbulho.

Finalmente, após todos os preparativos e angústias pelo atraso da chegada das novas e modernas instalações de um dos mais modernos estabelecimentos do gênero na cidade, em 15 de abril de 1953 é inaugurado o "Empório e Merceria São Raphael" com uma festa de marcar época.

Para benzer o novo estabelecimento lá estava o amigo inseparável dos maus e dos bons momentos, o padre Savino M. Agazzi que com todo seu carisma pedia a Deus que abençoasse aquela família que fizera tanto esforço para concretizar um sonho. Toda a cerimônia e recepção foi filmada e fotografada, um luxo para época.

No início dos anos sessenta a situação da Família Barbulho estava bem diferente dos áureos tempos quando os filhos do casal Valentim e Constança trabalhavam juntos no Empório.

Em 1962, já com 78 anos, cansado, não de trabalhar, pois tinha disposição e boa saúde, mas de enfrentar os problemas financeiros, Valentim viu-se obrigado a vender o Empório e também o prédio da Rua Ararigboia tão arduamente conquistado e ir viver com a Constança e sua filha Jandyra em casa alugada na Rua Adelaide de Freitas, atrás da Igreja de São Rafael.

Enquanto contou com a esposa, mesmo doente, ao seu lado, Valentim foi um esposo dedicado (quando tinha o Empório não tinha tempo) interessado pela vida da família, sempre dando conselhos e participando de alguma forma dos acontecimentos do dia a dia.

Em quinze de agosto do ano de um mil novecentos e sessenta e três sua esposa Constança veio a falecer. Sem sua "velha" como às vezes a chamava

carinhosamente, Valentim perdeu o interesse pela vida. Durante um bom tempo quando se falava da Constança, chorava e pedia para ela vir buscá-lo, a vida sem ela não tinha mais interesse.

Valentim foi um homem que sempre procurou pautar sua conduta pela honestidade e firmeza de caráter, o que era correspondido por sua esposa e transmitido para seus filhos e aos que viviam ao seu redor. Muitos afirmavam que ele era um homem frio, sem sentimentos, mas quem o conhecia verdadeiramente sabia que seus sentimentos eram demonstrados à sua maneira, às vezes sofrendo por não querer demonstrá-los. Todavia vimos como ele sofreu com a perda dos filhos, da esposa e como ele vibrava com suas conquistas, como dos filmes que mandou fazer do velho Empório e por ocasião da inauguração do novo. Ou quando recebeu a Medalha de Honra ao Mérito por ser eleito "O comerciante do ano na Mooca" em 1954, pela Associação Comercial do Distrito da Mooca. O fato foi notícia até com fotos nos jornais da época. O carinho que demonstrava pelos netos e o orgulho que tinha dos filhos por andarem corretamente, honrando o nome que tinham. Nunca levantou a mão para bater em qualquer um dos filhos, com quem discutia impondo sua vontade pelo carisma que tinha.

Quando estava para completar oitenta e cinco anos queria contar sua história na igreja. O padre Valentim seu xará, cedeu graciosamente o salão da Casa Paroquial e ele com sua voz firme ao microfone, contou para sua família, para os amigos e demais parentes presentes sua história, esta, com todo orgulho possível, mostrando o lado positivo de seu exemplo.

- Não consegui deixar bens materiais para vocês, mas me orgulho de ter deixado um nome honrado e limpo que todos vocês podem ter orgulho, hoje e

sempre. No dia 29 de março de 1973 faleceu, como sempre dizia gostar que acontecesse, dormindo.

E a Mooca, nesse dia, perdia um de seus filhos ilustres que ajudou, com sua criatividade e tenacidade a dar-lhe vida e história.

(A história completa está contada no livro: Eles Chegaram... A Saga dos Barbulho)